



Sabemos que da rigidez educativa emerge a tristeza, a apatia, doenças somáticas diversas ou a agressividade, uma vez que não permite à criança consciencializar e verbalizar o que a desagrada, perturba ou angustia. É, pois, importante que cada um de nós assuma uma postura educativa com verdade, com maleabilidade.

Uma **acção** inadiável...

O nascimento de um filho é um momento único na vida, repleto de alegria, de amor incondicional, de sonhos e da visão de um futuro que se quer promissor e pleno de sucesso.

O processo do nascimento constitui uma importante transição não só para o bebé, mas também para os pais. Instalam-se exigências insistentes que desafiam a capacidade dos pais para lidarem com as situações e forçam ajustamentos na sua relação.

Emergem inúmeras preocupações e incertezas, por vezes sem resposta imediata.

Somos constantemente assaltados por pensamentos e dúvidas em relação ao nosso comportamento com eles, questões que podem fazer-nos duvidar da nossa capacidade de sermos bons pais e educadores.

Estaremos nós enquanto pais devidamente preparados para providenciar a sua educação e o seu crescimento? Será que fazemos tudo o que é importante e necessário? Temos disponíveis os recursos e as condições que propiciam esta plena realização?

O meu propósito com esta reflexão não é dar "receitas" para educar. Como mãe, também me questione e continuo a questionar-me frequentemente sobre estes aspectos educacionais. Convido a esta reflexão sobre alguns elementos relacionados com uma adequada intervenção na infância, e, apesar de serem vários os aspectos e factores que gravitam nesta dimensão educacional, irei apenas realçar alguns "ingredientes" inerentes a este processo.

Daniel Sampaio, no seu livro *Lavar o mar* (2006) refere que "os pais dos nossos dias estão cheios de dúvidas. Nunca houve tanto interesse pelos filhos, nem existiu outrora tão grande preocupação em acertar".

É importante desde muito cedo tranquilizar as famílias sobre a imperfeição inerente à parentalidade: todos os pais erram e podem mudar de ideias. Proporcionar condições basilares que sustentem o normal desenvolvimento da criança determinando uma adequada saúde física e psicológica é fundamental, e embora nem sempre es-

tejam presentes as condições necessárias para uma vida com um mínimo de estabilidade, este autor refere que é sempre possível ajudar os pais e educadores a robustecer a sua capacidade de educar.

Ambicionamos e sonhamos o melhor para a vida dos nossos filhos. Desejamos para eles um adequado e normal desenvolvimento físico e mental. Cuidamos da sua alimentação, higiene e conforto, procurando proporcionar desde a primeira infância um ambiente seguro, afastando os elementos (rigidez educacional) que prejudicam e condicionam o seu adequado desenvolvimento infanto-juvenil.

Sabemos que da rigidez educativa emerge a tristeza, a apatia, doenças somáticas diversas ou a agressividade, uma vez que não permite à criança consciencializar

e verbalizar o que a desagrada, perturba ou angustia. É, pois, importante que cada um de nós assuma uma postura educativa com verdade, com maleabilidade, pois só assim seremos capazes de compreender o significado das reacções que as crianças e adolescentes têm, que são sempre resposta ao meio e ao modo como as pessoas que as rodeiam se comportam em relação a elas. (Branco, M. E. Carvalho, 1999 - O

pensamento psicopedagógico de João dos Santos)

Para Sampaio, D. (2006) a maior parte dos chamados problemas da adolescência tem a sua raiz na infância, o que reforça a necessidade de esta ser valorizada para que, por sua vez, a adolescência possa decorrer com satisfação e bem-estar quer para o jovem, quer para os adultos que o rodeiam, assente em

normas e práticas saudáveis.

Importa relembrar que na infância as primeiras aprendizagens e os vínculos estabelecidos são fundamentais para a criança e para os pais e educadores, porque estamos a fazer prevenção e ganhamos credibilidade face às advertências e aos conselhos que lhes daremos no futuro.

Porque este processo educacional nem sempre é fácil, é fundamental aumentar a sua capacidade de intervenção, capacitá-los para compreender a especificidade de cada filho e a necessidade de serem espontâneos e autênticos no diálogo com os educandos. A tarefa maior é a de ajudar a criança ao desenvolvimento e afirmação de um autoconceito e uma imagem positiva de si própria, que a conduza a progredir na sua autonomia e desenvolver, à medida que

crece novas capacidades, no plano cognitivo e no campo afectivo.

Termino com esta reflexão de João dos Santos, ilustre psiquiatra e pedagogo:

"Procurem que os vossos filhos sejam felizes,... têm muito mais possibilidades de se adaptar à vida, do que se sentirem incompreendidas,... observem os vossos filhos em todas as formas do seu comportamento, observem e observem de novo, até estarem certos de conhecer a forma como eles reagem e a sua maneira de ser. Depois, então, coloquem-se a seu lado e ajudem-nos como companheiros a resolver os problemas e a vencer as dificuldades." □

Teresa Dias

Enfermeira

IASAÚDE, IP-RAM

UCAD

